

O desenho na obra de Wim Wenders: “até o fim do mundo”

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte¹

Abstract - The present work is an investigation into the possibilities of development of drawing in the contemporaneity and the detachment which certain poetic art could have to the point of absorbing more than one language in the materialization of the idea as it meets the development of the individual approach from the producer's work. This reading is sought in the work of the filmmaker Wim Wenders, more specifically in his film "Until the End of the World" and the way it presents the images are due to the proximity of different artistic languages. While cropping, framing are part of the procedures present in the artist's creative process to meet the needs of its poetics.

Index Terms: Drawing - contemporary art - poetic art - Wim Wenders

INTRODUÇÃO

O *insight* para se transformar as reflexões em pesquisa surgiu das palavras de Wenders no documentário “A Janela da Alma” (CARVALHO, JARDIM, 2002), quando aborda a questão do enquadramento da obra artística, seja plástica ou fílmica, proximidades essas vivenciadas por ele mesmo em sua carreira. Esses conteúdos direcionam-se para o foco da pesquisa como interpretação do olhar híbrido contemporâneo, que aproxima o desenho (linguagem referencial da pesquisadora) de outras linguagens artísticas, as quais, como um todo, são relegadas a um segundo plano no processo criativo, quase como não linguagens.

A PRESENÇA DA IMAGEM ESTÁTICA NA OBRA DE WIM WENDERS

Wim Wenders, antes de ser cineasta estudou filosofia, música e artes visuais. Ao conhecer sua obra, nota-se a influência dessas áreas, principalmente quando se assiste a uma entrevista com ele. Cita-se uma de suas falas no documentário “Janela da Alma” (CARVALHO, JARDIM, 2002):

O processo de enquadramento sempre envolve uma escolha. O enquadramento é algo muito estranho porque o que está fora é quase mais importante do que o que está dentro. Costumamos olhar um enquadramento pelo que ele contém num quadro, numa foto ou num filme. Normalmente, pensamos no que está no interior. Mas o

verdadeiro ato de enquadrar consiste em excluir algo. Acho que o enquadramento se define muito mais pelo que não se mostra do que pelo que se mostra.

O cinema de Wenders parece ser pensado a partir da fruição da obra estática. Abordar o desenho em função dos enquadramentos que o diretor faz representa a busca de um registro dessas marcas, presentes no raciocínio do fazer gráfico, seja em manchas, recortes, incisões, sombras, composições. A linha desse raciocínio atravessa as linguagens de maneira transversal, sem um compromisso com as artes audiovisuais, pintura ou gravura. O desenho é presente como identidade, como desígnio. As imagens, onde estiverem serão delineadas a partir desse vir a ser que está impregnado no íntimo do artista. Materializar a ideia é tornar conhecido esse desígnio, seja lá através de que linguagem for. Isto a deixa em segundo plano.

Wenders traz em seus desígnios a presença das artes visuais em seus filmes. Este é o desenho. Ao tratar de imagens, parece direcionar-se sempre para o menos, para o estático, para o simples. Em suas próprias palavras, ainda no documentário de Walter Carvalho:

A atual superabundância de imagens significa, basicamente que somos incapazes de prestar atenção. Somos incapazes de nos emocionar com as imagens. Atualmente, as estórias têm que ser extraordinárias para nos comoverem. As estórias simples... não conseguimos mais vê-las.

Poderia-se, então, falar que a obra estática justificaria a busca dessa síntese das imagens, fixando as imagens em aquarelas, pinturas, desenhos para destacar a imagem fílmica.

¹ Joedy Luciana Barros Marins Bamonte, Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais pela UNESP, Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora Assistente em RDIDP, vinculada à Universidade Estadual Paulista – UNESP (DARG- FAAC), Av. Eng Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01, 17033-360, Vargem Limpa, Bauri, São Paulo, Brasil, joedy@faac.unesp.br



FIGURA 1
 “Metropolis”, Wim Wenders, nanquim e aquarela, 1965.
 (http://www.wim-wenders.com/books/wenders_books.htm)



FIGURA 2
 “Female Dancer”, Wim Wenders, nanquim e aquarela, 1965.
 (http://www.wim-wenders.com/books/wenders_books.htm)

“ATÉ O FIM DO MUNDO”

Doutor Farber, na tentativa de achar a cura para a cegueira de sua mulher, cria um dispositivo que permite aos usuários enviarem imagens diretamente ao cérebro humano, permitindo que os cegos voltem a ver. A criação e operação de tal máquina contrastam com a deterioração da situação do mundo, quando a existência da humanidade é ameaçada por um satélite nuclear que cai em direção a Terra.

A resenha de “Até o Fim do Mundo” traz o roteiro do filme para a perspectiva atual, em uma leitura do final do século XX, início do XXI. Nesse contexto, o homem procura sua própria história, identidade, na qual a imagem é utilizada como um resgate de si mesmo. A metáfora da destruição do planeta traz a urgência do momento presente sentido pelos dispositivos virtuais, aguçados pelos jogos eletrônicos, redes sociais, a *World Wide Web*, traduzidos na ansiedade e impulsividade que caracterizam a vida presente.

As imagens utilizadas no filme, que teriam captado os sonhos dos personagens, demonstram uma grande proximidade entre o cinema e as artes visuais. São desenhos, pinturas em movimento extremamente poéticas. Há composições que transitam como se fossem litogravuras. O desenho ganha movimento através da cor. São desenhos calculados que povoam o pensamento de seus autores.

Em 1996, essas imagens foram expostas na 23ª Bienal Internacional de São Paulo. Abaixo está uma das imagens denominadas “Electronic Paintings”, captadas em HDTV, que também se tornou título de livro de Wenders publicado em 1993 contendo aquarelas, colagens e gravuras. O enquadramento de Wenders surge em toda sequência como visão artística.

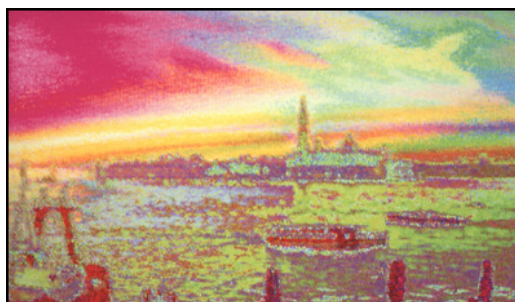


FIGURA 3
 “Veneza”, Pintura eletrônica. Wim Wenders, 1993
 (http://www.wim-wenders.com/books/wenders_books.htm)

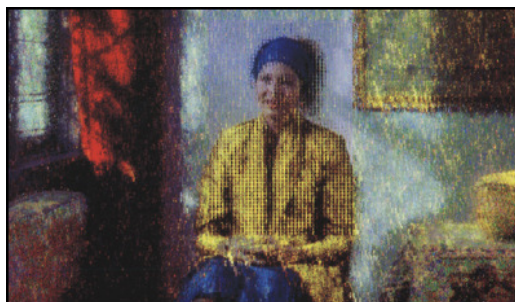


FIGURA 7
 “Woman by the Window”, Pintura eletrônica. Wim Wenders, 1993
 (http://www.wim-wenders.com/books/wenders_books.htm)



FIGURA 1
 Frame do filme “Até o Fim do Mundo”, de Wim Wenders.
 (WENDERS, 1991)



FIGURA 1
Frame do filme "Até o Fim do Mundo", de Wim Wenders.
(WENDERS, 1991)



FIGURA 5
Frame do filme "Até o Fim do Mundo", de Wim Wenders.
(WENDERS, 1991)



FIGURA 3
Frame do filme "Até o Fim do Mundo", de Wim Wenders.
(WENDERS, 1991)



FIGURA 4
Frame do filme "Até o Fim do Mundo", de Wim Wenders.
(WENDERS, 1991)

Segundo o crítico de arte brasileiro Amir Labaki (19 out 1996), assume "como projeto próprio a defesa pelo crítico francês Serge Daney da pintura como meio ideal para

reensinar ao cinema a arte do olhar", Wenders em "Até o Fim do Mundo" retrabalhava imagens captadas em HDTV (TV de alta definição) tendo por modelo maior um célebre quadro de Vermeer. Seria possível falar ainda, nas obras da Bienal, da dívida para com Francis Bacon de "Sad Man 1#" ou da homenagem a Monet em "Paris" e a Signac em "Venice". Wenders, porém, reelabora a questão pintura-cinema para muito além do decalque.

A fotografia de Robby Müller e a direção de arte de Thierry Flamand e Sally Campbell trazem um contexto visual, que observado quadro a quadro traz obras contemporâneas que lembram a Pop Art (possivelmente por influência do cinema *underground* americano) ou o Impressionismo. Entretanto, em seu caráter conceitual elas se tornam híbridas.

Abrindo um espaço para conjecturas, teriam chegado as linguagens também até seus limites territoriais? Há uma fala poética no filme que define a condição dos dependentes de suas próprias imagens: "... e afogaram-se em suas próprias imagens noturnas..." Poderíamos supor que tamanho volume de imagens poderia ter envolvido todas as linguagens manifestas visual ou audiovisualmente, tornando assim as delimitações entre elas extremamente complexas ou inexistentes. Hipoteticamente, a reorganização poderia solicitar a imagem estática novamente.

DESENHO NAS ARTES AUDIOVISUAIS

A proximidade dos conteúdos abordados na proposta deve-se ao processo de criação no qual me encontro e a sua identificação com o de outros artistas. Há uma tessitura nesse processo que aproxima o desenho, a gravura, a fotografia, o cinema, a realidade investigados através da pesquisa plástica e teórica. Eles caminham para um só

ímpeto criativo ao identificar a pesquisa como um todo do qual fazem parte o fazer e o teorizar sobre o fazer.

A partir de um interesse contínuo pelo desenho como manifestação expressiva, investiga-se seus campos de atuação, que, na contemporaneidade, não tratam mais de fronteiras, mas sim de um processo híbrido que resulta em uma escolha, um recorte, um “enquadramento”. No caso, esse “enquadramento” tem buscado a formação da obra visual, passando fotografia e vídeo, os quais vêm sendo utilizados como caminhos transversais para investigar o desenho. Nelas interessam o perpasso pelos suportes visuais e audiovisuais à procura da presença do desenho.

O processo criativo transita por onde se encontram os resquícios do traço, da imagem estática registrada, do esboço rápido do personagem em movimento. Como essas imagens são fixadas quadro a quadro, compondo o texto poético visualmente representam questões relevantes para chegar a olhar para a obra cinematográfica e, em um momento poético, aproximando-a das artes visuais, enxergar uma linguagem sem denominação. Em sua efemeridade e na negação das outras linguagens, em sua neutralidade, identificada como uma não linguagem. Nas palavras de Néstor Canclini:

Será preciso esclarecer que esse olhar, que se multiplica em tantos fragmentos e cruzamentos, não procura a trama de uma ordem única que as separações disciplinares teriam encoberto? (CANCLINI, 2008, p.30)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada constitui parte de um todo que ainda está em processo. Tem resultado de um processo criativo que envolve referências como a obra de Wenders, que buscam o desenho em veículos, materiais e linguagens que se inter cruzam e dialogam constantemente. Os recortes feitos pela fotografia e pelo audiovisual constituem veículos para a pesquisa plástica, meios através dos quais o desenho irá manifestar a ideia e se auto-investigar enquanto linguagem, em uma busca de seus valores perceptivos e expressivos, que transpõe a técnica para a experiência. Identifica-se esse desenho como algo já existente, comunicado a partir da apreensão do recorte feito pelas retinas ocular e das câmeras, em um processo híbrido que transcende linguagens, justificado pela necessidade da criação.

REFERÊNCIAS

ARTIGAS, Vilanova, ANDRADE, Mário de, MOTTA, Flávio. **Sobre desenho**. São Paulo: CEB-GFAU, 1975.
BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.

CARVALHO, Walter, JARDIM, João. **Janela da alma**. Filme color, 2002. Europa Filmes. 73 min. Brasil.

MARZABAL, Iñigo. **Wim Wenders**. Madrid: Cátedra, 1998.

MORAIS, Ana A, ARAÚJO, Aristeu, WENDERS, Wim. **Wim Wenders: imagens que obedecem**. Rio de Janeiro: 3 Moinhos, 2011.

WENDERS, Win. **Until to the End of the World**. 1991. Dir. Win Wenders, 128 min. 35 mm. Color.

WENDERS, Win. **Wim Wenders**. Site oficial. Disponível: <<http://www.wim-wenders.com/>>. Acesso em: 24 mar 2012.